



A (IN)EXISTÊNCIA DOS HOMENS TRANS NA NOSSA SOCIEDADE

Christopher Santana

Você acorda em um dia comum. Você liga a televisão e vê uma propaganda comercial qualquer te oferecendo um produto. Você vai ao seu trabalho e conversa com seus colegas sobre assuntos em comum, sobre o dia a dia em comum, sobre coisas da vida. Você entra no banheiro e tem outros homens lá dentro. Você vai a uma consulta com o médico e ele examina você e fala normalmente sobre o seu corpo. Você interage com o Mundo e o Mundo interage com você. Isso acontece durante o seu dia... Se você é um homem cis.

Quando você é um homem trans as coisas são diferentes. Você acorda em um dia comum. Você liga a televisão e vê um comercial de absorventes sendo estrelado por atrizes, a propaganda deixa bem claro que aquele produto se destina somente às mulheres, isso se repete com remédios para cólicas ou qualquer produto ginecológico. Então você pensa “Mas existem homens que menstruam”. Você vai ao seu trabalho e conversa com seus colegas, você até tenta criar conversas em comum, mas é difícil quando as “coisas de homem” se resumem em ter um pênis e tudo de interessante a se fazer com ele, é impressionante como até urinar se torna um assunto. Você pensa muito se deve ou não entrar no banheiro, e quando decide entrar, sente alívio se não houver ninguém mais lá dentro. Você vai a uma consulta no médico e quando fala sobre o seu corpo ouve a pergunta: “então você é uma mulher que virou homem?” você pode até tentar dizer: “Não, eu sou um homem trans, eu nunca fui uma mulher”, mas isso não vai te poupar de ouvir: “Certo, mas então você tem um **órgão genital feminino**, né?”.

Você tenta interagir com o Mundo, mas o Mundo se recusa a interagir com você. Nas imagens, nos sons, nas vozes e até mesmo no silêncio, é como se tudo dissesse: “Você não existe aqui, você não é parte disso”. Isso acontece dia após dia quando você é um homem trans.

Eu nasci sendo um homem trans em uma família evangélica tradicional. Assim como muitas pessoas LGBT, conheci o lado mais extremo do preconceito desde cedo. O



que as pessoas costumam pensar é que a transfobia se resume unicamente a esse lado, o ódio explícito, alguém pregando que ser LGBT é errado, te chamando de aberração ou demônio, alguém tentando “te curar”, te exorcizar, ou te batendo, dizendo que você irá para o inferno, etc. A verdade é que a transfobia não é apenas aquilo que nos mata fisicamente, a nossa exclusão, nossa invisibilidade na sociedade é o tipo de transfobia que passa despercebido, é uma agressão mais silenciosa e que não nos mata por um simples motivo;

- Ela sequer nos permite existir.

A invisibilidade dos homens trans na sociedade é algo que está diariamente nos diálogos, nas conversas e nas falas de pessoas cis e infelizmente de muitas pessoas trans também. É espantoso que muitos de nós não damos conta de como nossas identidades são negadas o tempo todo e quando paramos para pensar sobre isso vemos que nossa exclusão na sociedade é algo constante. Não considerar a possibilidade de uma pessoa ser trans faz parte do comum, é como se ser cis fosse **o normal** ou o certo, o pensamento automático da maioria das pessoas é que nós desejamos “nos consertar” através do uso de hormônios, mudança de documentos e procedimentos cirúrgicos, é como se tivéssemos que nos adequar à normatividade da sociedade trans-excludente em que vivemos. Para pessoas cis, é como se nascêssemos sendo mulheres e quiséssemos “mudar de sexo” nos transformando em homens e lutássemos constantemente para sermos as tais “pessoas normais”. O que não passa pela cabeça das pessoas é que nossa **identidade de Homens Trans** deve ser reconhecida e normalizada, tornar-se comum tanto quanto a do homem cis.

Não existem apenas homens, existem homens cis e homens trans, existe uma grande e importante diferença entre os dois, duas identidades, vivências e corpos diferentes um do outro, não há problema com isso, ambos pertencem ao gênero masculino, ambos são homens, porém diferentes e é necessário ressaltar esse ponto, é necessário ressaltar que não é ofensivo para um homem trans ser diferente do homem cis, não é ofensivo para um homem trans ser um homem trans.

“Se você não dissesse que é trans, eu nem saberia. Isso jamais iria passar pela minha cabeça”. Com três anos em testosterona, escuto frequentemente esse tipo de comentário, e quem diz isso erroneamente pensa que está fazendo um elogio.



A questão aqui é que homens cis não são nossos modelos, um homem trans, diferente do que a maioria pensa, não precisa basear a construção de si mesmo na imagem de um homem cis. Um homem trans não precisa tomar hormônios ou fazer qualquer mudança física se não desejar, pois se ele descobriu-se como um homem trans, reconhece que nasceu sendo um homem trans, isso significa que seu corpo e sua identidade pertencem a um homem trans, então não existiria uma obrigatoriedade em mudar alguma coisa. Um homem trans pode muito bem assumir que seu corpo pertence somente a si mesmo e a mais ninguém, sendo assim conseguir reconhecer cada parte do seu corpo como parte do corpo de um homem trans; no entanto, esse processo de desconstrução e independência da própria identidade pode ser diferente e mais demorado para uns do que para outros. Para mim, esse processo foi demorado e difícil, como é para muitos.

A gente não sabe se dentro do vazio vai surgir alguma coisa, ou se vai continuar sempre vazio. O vazio é um lugar sem tamanho, sem forma e nem cor. Não dá pra saber se alguém apagou a luz ou se é a gente que não enxerga.

Há vazio de dentro pra fora e vazio de fora pra dentro.

Eu me sentia assim antes de me descobrir como um homem trans, na completa escuridão. Eu olhava para as minhas fotos e sabia que tinha alguma coisa errada no que eu via, mas eu não sabia o que estava errado, eu me sentia incomodado com elogios, com o nome que as pessoas me chamavam, eu me odiava e não sabia por quê.

Eu sempre soube que gostava de homens, então foi difícil entender o que eu era, já que durante a minha infância eu só ouvia falar sobre gays e lésbicas, e como eu cresci frequentando a igreja, eu aprendi que qualquer coisa semelhante a isso era pecado. À medida que o tempo foi passando, o medo crescia dentro de mim, eu achava que eu tinha algum problema, mas para mim era impossível rejeitar tudo o que eu sentia e eu não queria fazer isso de jeito nenhum, eu fazia de tudo para mostrar que eu não era como uma menina, eu desprezava qualquer coisa vista como delicada ou feminina e até me forçava a fazer coisas que fossem lidas como masculinas, mesmo que eu tivesse ainda alguns interesses, como maquiagem, eu os rejeitava, mas sabia que ser uma “Maria macho” não bastava para mim, algo ainda estava faltando.



Com quase dezessete anos de idade, eu me entendi e então me assumi como homem trans, comecei a bater de frente com a minha família por finalmente ter descoberto o que era tudo aquilo que eu sentia desde sempre. Eu estava saindo da escuridão interna na qual eu vivia sempre procurando uma luz, mas sem nem saber o que exatamente era essa luz ou o que ela significava. Quando, enfim, descobri essa luz, eu me libertei da minha escuridão e acabei entrando na escuridão do mundo. Ser um homem trans nessa sociedade é algo realmente solitário, é vagar pelo escuro com as mãos estendidas procurando encontrar alguém por perto, você segue caminhando sem saber se o que tem à sua frente é uma estrada ou uma rua sem saída. Você nunca tem certeza se pode correr livremente ou se vai se chocar contra uma parede e cair.

Eu me lembro de que eu costumava fechar os olhos e me deitar e quando não sentia mais o meu corpo, eu desejava com toda a fé que meus seios desaparecessem, eu imaginava que eles poderiam diminuir de tamanho gradativamente até sumir, mas quando eu abria os olhos e olhava pra baixo eles ainda estavam ali. Sempre que alguém me chamava no feminino, sempre que eu me sentia agredido, eu culpava meu corpo por isso, eu castigava meus seios com pancadas e pensava que talvez um dia me irritasse o suficiente para fazer com que eles sumissem com meus socos. Eu me via como um homem “preso no corpo errado”, como muitas outras pessoas trans se definem. Demorou um pouco, mas um dia consegui perceber que eu não tinha nascido em um corpo errado, eu sempre fui um homem trans no corpo de um homem trans que nasceu em uma sociedade excludente, uma sociedade transfóbica.

Fazer parte de uma minoria significa não estar rodeado por pessoas iguais a você. Em especial, ser um homem trans significa, na maioria das vezes, ser o único em algum ambiente, o único aluno trans da sala de aula, o único no trabalho, o único na família. Você acaba se sentindo o único no mundo por não se ver representado pelas mídias. Vê que o seu corpo não está incluído nem mesmo em textos informativos sobre saúde quando você faz uma pesquisa simples e você vê sempre a vagina sendo citada como “o órgão sexual feminino”, mas, afinal, a palavra vagina é muito mais simples do que dizer tudo isso, não é? A insistência do mundo em dizer o tempo todo: “você não é um homem, você não existe, esse mundo não é seu” é o que me traz a necessidade de escrever esse texto.

Eu aprendi que o Mundo é um lugar grande, mas com pouco espaço.



Qual espaço que nossos corpos ocupam?

Sobre nossos corpos temos vários problemas a serem corrigidos, não nas formas do nosso corpo, mas na maneira como elas são vistas e descritas. As pessoas cis costumam nos descrever como “homens que nasceram biologicamente como mulheres” ou até “Homens com um corpo feminino”, já vi os próprios homens trans se descrevendo dessa forma, pra mim isso é pura besteira. Volto a defender a ideia de que, se somos homens trans, significa que nunca fomos mulheres e, se nunca fomos mulheres, então nunca tivemos um “corpo de mulher”. Temos o nosso próprio corpo, meu corpo é meu e de mais ninguém, homens trans têm seios de homens trans, têm curvas, útero, vagina, vulva de homens trans, menstruam como homens trans, possuem delicadeza de um homem trans, masculinidade de um homem trans, não há algo feminino em nada disso, porque, afinal, nossas vivências e nossos corpos são transmasculinos.

Para concluir, o que eu posso dizer é que eu simplesmente adoro homens trans, considero que uma das melhores decisões que já tomei foi a de me relacionar apenas com homens trans, o termo homossexual é o que melhor me representa, pois me sinto livre em estar com pessoas iguais a mim que compartilham da mesma vivência entre outras questões. O fato é que homens trans são incríveis como são. Hoje, posso dizer que amo fazer parte dessa comunidade, que embora ainda não seja tão unida quanto eu gostaria que fosse, é uma comunidade linda. Nós somos reais e existimos assim como todas as outras pessoas e identidades, nossos corpos existem e devem ser citados, as nossas vozes precisam ser ouvidas, precisam ter som, precisam estar em um volume mais alto. Precisamos existir... Cada vez um pouco mais.